

Learning by Ear – Aprender de Ouvido

Sociedade Civil

Nº 4: Imprensa satírica – Senegal

Reportagem: Mountaga Amadou Sarr

Redacção: Sandrine Blanchard

Tradução: Madalena Sampaio

1 Voz-Off Feminina (Texto de reportagem + Outro): Marta Barroso

2 Vozes (Intro + Diálogo):

- Nádía Issufo

- Daniel Machava

3 Vozes para voice-overs:

- **Omar Diakité:** homem – António Rocha

- **Omar Diarra:** homem – Márcio Pessôa

- **Soro Diop:** homem – Carlos Martins

Opener LbE

Intro:

Nádia:

Olá a todos!

Daniel:

Sejam bem-vindos a mais um episódio do “Learning by Ear – Aprender de Ouvido” sobre sociedade civil!

Nádia:

No nosso programa de hoje vamos falar da imprensa satírica.

Daniel (intrigado):

Imprensa satírica? Nunca ouvi falar...

Nádia (sorrindo):

Bem, talvez não saibas o que quer dizer, mas já deves ter visto jornais satíricos...

Daniel:

A sério? Talvez...

Nádia:

É um tipo de imprensa que mistura humor com crítica social ou política...

Daniel:

Como as caricaturas, por exemplo?

Nádia:

Exactamente! As caricaturas são um exemplo.

Daniel (entusiasmado):

Ótimo! Adoro isso...

Nádia:

Então, vamos abrir bem os nossos ouvidos...

Daniel:

E aqui vamos nós em direcção ao Senegal!

Nádia:

Então... vamos lá!

Música: Baka Beyond, Bwamba, 4083639000

Primeira Parte: Reportagem

O-Ton Omar Diakité (Francês):

“Este é o meu material: a minha folha de papel branco, os meus marcadores, o meu lápis, as minhas lapiseiras e uma caneta de feltro para as linhas finas. Tenho medo da folha de papel em branco, porque tenho de conseguir qualquer coisa apresentável, que seja agradável de ler e compreensível. A caricatura é um todo. É preciso um desenho e esse desenho tem de transmitir informação. E além disso é necessário um pequeno toque de humor para que o leitor possa fazer troça ou rir. E, quando temos tudo isto, significa que é um sucesso.”

Marta:

Omar Diakité   cartoonista no diário senegalês "Le Quotidien". O seu trabalho é fazer rir as pessoas com os seus desenhos, enquanto transmite uma mensagem, uma informação.

Atmo: Caneta de feltro a desenhar

(SFX: Felt pen drawing)

O-Ton Omar Diakité (Francês):

“Demoro cerca de uma hora para o desenho em si, mas a concep o leva muito mais tempo. Porque é preciso imaginar o que tenho de fazer para que o todo funcione. A partir do momento em que tenho tudo desenhado na cabeça, ponho-o no papel, por assim dizer.”

Marta:

Com o passar do tempo, Omar Diakité desenvolveu o seu próprio estilo. Os seus desenhos focam temas da actualidade ou assuntos importantes da sociedade senegalesa contemporânea. Diakité usa o humor para denunciar os absurdos e as injustiças que observa   sua volta.

O-Ton Omar Diakité (Francês):

“Tenho toda a imprensa   minha disposi o. Também tenho a sorte de ter internet. Assim, vou a sites senegaleses e até internacionais para saber o que se passa no mundo.”

Marta:

A imprensa satírica tornou-se um elemento constitutivo da paisagem mediática senegalesa. Muitos leitores adquiriram o hábito de obter informa o também através de jornais críticos ou satíricos. Como Omar Diarra, por exemplo.

O-Ton Omar Diarra (Francês):

“Acho que a imprensa satírica é particular, porque tem uma visão diferente da sociedade em comparação com o que se vê habitualmente na imprensa.”

Marta:

O interesse pela sátira não é novo no Senegal. O Senegal foi o primeiro país francófono de África a liberalizar a sua paisagem política depois da onda de independências nos anos sessenta. A partir de meados dos anos setenta, Léopold Sédar Senghor, o primeiro presidente do Senegal, permitiu que as vozes críticas do país se expressassem de forma bastante aberta.

**Atmo: Rotativas
(SFX: Offsets)**

Marta:

“Le Politicien”, que significa “O Político”, saiu à rua pela primeira vez em 1977. Fundado pelo jornalista Mame Less Dia, foi o primeiro jornal satírico do Senegal. O jornalista Soro Diop recorda:

O-Ton Soro Diop (Francês):

“Ele escolheu como método satírico retratar figuras políticas como animais. O antigo presidente Abdou Diouf era uma girafa, o seu seguidor, Abdoulaye Wade, era um ‘njombor’, uma lebre. A girafa caracterizava-se pelo seu comprimento, a lebre pelas suas malícia e astúcia na sociedade senegalesa e era desta forma que Mame Less Dia estava disposto a transmitir certas mensagens sem se cruzar com a censura.”

Marta:

Usando o método das fábulas, em que os animais simbolizam um tipo especial de carácter, o jornal “Le Politicien” preencheu uma lacuna na paisagem mediática senegalesa. E cedo atraiu imitadores. Soro Diop, chefe da secção de política do jornal “Le Quotidien”:

O-Ton Soro Diop (Francês):

“Pediria emprestada a definição de sátira de Voltaire, o filósofo francês, como sendo uma maneira de castigar os costumes através do riso. Nas nossas sociedades, a imprensa tradicional não pode tratar questões delicadas de modo tão cru como trata certos assuntos da actualidade. Há temas que são mais ou menos sensíveis em termos de moralidade, de costumes e de interdições nas nossas sociedades. É possível usar a sátira para que a informação possa ser transmitida por intermédio do riso.”

Marta:

O cartoonista Omar Diakité diz que a maioria das pessoas famosas no Senegal aceita as críticas de forma aberta.

O-Ton Omar Diakité (Francês):

“Eles até gostam de ser caricaturados. O facto de se ver num desenho significa, para uma personalidade, que ela é importante. Assim, as pessoas gostam de ser caricaturadas, porque isso também prova que são pessoas que contam no sistema.”

Marta:

Geralmente é o cartoonista que decide que animal representará a pessoa caricaturada. Mas nem toda a gente tem o mesmo sentido de humor. Às vezes, as piadas são inofensivas e, outras, magoam, mesmo que não seja essa a intenção. Omar Diakité:

O-Ton Omar Diakité (Francês):

“Sim, há sempre um limite. Como sabem, a liberdade de um acaba onde começa a de outro. É verdade que existe a liberdade de expressão, a liberdade de caricaturar, porque toda a gente sabe que a caricatura é trocista e grotesca. Um desenho pode ir muito longe, mais do que os jornalistas vão nos seus artigos. Mas há algumas coisas, em que não se pode tocar.”

Marta:

O humor permite que certos tabus sejam transgredidos. Mas a religião continua a ser o tabu dos tabus, como explica Soro Diop:

O-Ton Soro Diop (Francês):

“A nossa sociedade é muito sensível no que diz respeito à religião. No Senegal, temos um Islão do tipo confrádico, o que significa que existem várias confrarias islâmicas. É verdadeiramente delicado, porque aqueles a quem chamamos Talibés – os discípulos –, que são absolutamente devotados à autoridade dos Marabouts, são pessoas que não hesitam em agredir jornalistas.”

Marta:

Aí, a questão de como o humor é interpretado mantém-se. É suposto a sátira ser engraçada. Mas a forma como ela é recebida varia, não só pelas pessoas directamente atingidas, mas também pelos leitores...

O-Ton Soro Diop (Francês):

“A imprensa satírica do Senegal, é preciso admitir, dirige-se geralmente a uma certa categoria de senegaleses que tem um nível intelectual suficientemente elevado para compreendê-la. Nem toda a gente pode entender a caricatura ou a sátira. Porque a sátira não se lê num primeiro nível, é talvez num segundo patamar que a compreendemos.”

Música: Baka Beyond, Bwamba, 4083639000

Segunda Parte: Diálogo informativo

Daniel:

Mas a imprensa satírica não é só para fazer rir as pessoas?

Nádia:

Bem... não só. Muitas vezes, o humor e a ironia transmitem mensagens sérias.

Daniel:

Ironia?

Nádia:

Sim, quando dizemos o contrário do que queremos que os outros compreendam. Por exemplo, quando fazemos tantos elogios a alguém que acabamos por ridicularizar essa pessoa.

Daniel (brincando, exagerando de propósito):

Ah! Como se eu dissesse que tu “serás sempre um exemplo durante toda a minha vida, porque és tão perfeita em todos os sentidos”?

Nádia (um pouco fria):

Sim, algo do género, se bem que o teu exemplo não é muito engraçado.

Daniel (troçando):

Oh, o que se passa, Nádia? Perdeste o teu sentido de humor?

Nádia (relaxando):

Tens razão... Mas vês como é preciso termos cuidado? Mesmo quando estamos a brincar, as pessoas podem entender-nos mal.

Daniel:

Está bem, mas fala mais sobre a imprensa satírica em África.

Nádia:

Frequentemente, os jornais satíricos publicam desenhos humorísticos, caricaturas, artigos engraçados, cartoons e informação.

Daniel:

Mas parece que alguns jornais também usam o humor como pretexto para a provocação. Aproveitam para dizer mal das pessoas, voltam-se para a pornografia ou para a violência verbal.

Nádia:

É tudo uma questão de equilíbrio. A sátira é um género muito exigente. É verdade que nem todos os jornalistas podem escrever algo profundo ou criticar a sociedade num tom ligeiro.

Daniel:

No início do programa ouvimos o nome de um jornal que falava indirectamente de políticos ao contar histórias sobre animais.

Nádia:

Sim, isto ajuda os jornalistas a fazer troça de situações, de pessoas no poder, de membros da oposição, de estrelas ou de outros membros famosos da sociedade. E os jornais satíricos fazem isto sem restrições.

Daniel:

Duvido que os jornalistas satíricos gostassem que se se troçasse deles assim.

Nádia:

Eu não teria tanta certeza! Muitas vezes eles fazem troça deles mesmos. Chama-se a isso auto-ironia.

Daniel:

Inteligente! Quando nos criticamos a nós próprios é mais fácil criticar os outros.

Música: Baka Beyond, Bwamba, 4083639000

Outro:

Marta:

E assim chegamos ao fim do “Learning by Ear – Aprender de Ouvido”. Obrigada por terem acompanhado este episódio dedicado à sociedade civil e à imprensa satírica. Para saber mais, voltar a ouvir esta emissão ou deixar os vossos comentários, basta entrar na nossa página online:

www.dw-world.de/lbe

[w w w ponto d w traço w o r l d ponto d e barra l b e]

Também podem escrever-nos um e-mail para:

afriportug@dw-world.de

Até à próxima, fiquem bem!